

Anabelle Loivos Considera¹

Procuro Lygia em São Paulo,
Rua da Consolação?
Na fazenda da Palmeira
Ou em Campos do Jordão?
Procuro Lygia no mapa
do mundo aberto em clarão?
Em Paris, Tegucigalpa
Moscou, Irã, Hindustão? Não procuro
Lygia: encontro-a dentro do meu coração.
(Carlos Drummond de Andrade)²

RESUMO

A leitura dramatizada representa, no palco da sala de aula, mais do que um recurso didático de grande alcance, uma vez que empaticamente utilizado pelo professor como metodologia de ensino e prática linguística da escuta e da oralidade. Trata-se, para além de uma “técnica”, o momento inaugural de entrada no texto literário, tanto para quem o lê como para quem o escuta. Desta forma, a leitura dramatizada ganha *status* de um processo múltiplo e aberto de encenação e reatualização do texto, fundamentais para a construção e a organização simbólica dos seus sentidos, por parte do aluno/ator. Ademais, a essa “leituração”, vivenciada através da escuta sensível e da fala participante, delegamos a responsabilidade de grande parte da formação do gosto pela leitura literária. No exemplo da leitura dramatizada do conto “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles, buscamos tecer e retecer leituras e práticas sociais de leitura na sala de aula, que envolvam todos os “atores” da fala aberta: alunos e professores, leitores e ouvintes, escritores e escrituras.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura dramatizada; oralidade; escuta sensível; formação de leitores literários; o conto de Lygia Fagundes Telles.

¹ Professora Doutora, Adjunta ao Departamento de Didática (EDD), Área de Prática de Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas, Faculdade de Educação – UFRJ (analioivos@gmail.com)

² Manuscrito que termina com o cordial cumprimento: “Carinhos do Carlos. Rio, 19.IV.1982”, publicado nos *Cadernos de Literatura Brasileira* (Instituto Moreira Salles; n.º 5).

ABSTRACT

The dramatized reading represents, on the stage of the classroom, more than a didactic resource-reaching, since empathically used by professor as a teaching methodology and linguistic practice of listening and speaking skills. This is in addition to a "technical", the input inaugural moment of the entry in the literary text, both for those who reads as for those who hears it. Thus, the dramatized reading earns status of a multiple and open process of staging and re-updating text, fundamental for the construction and the symbolic organization of their senses by the student/actor. Moreover, this “*leituração*” experienced by sensitive listening and speaking participant, delegate the responsibility of great part of the training of literary taste for reading. In the example of the dramatized reading of the short story "The ants", by Lygia Fagundes Telles, we seek to weave and weaving “*leituras*” and social practices of reading in the classroom, involving all the "actors" of speech open: students and teachers, readers and listeners, writers and scriptures.

KEY-WORDS: dramatized reading; orality; sensitive listening; training of literary readers; the tale of Lygia Fagundes Telles.

1. “As formigas” – conto e paixão pela palavra que se conta.

Drummond soube sintetizar, como ninguém, na epígrafe que encima este texto-testemunho, a paixão que nos arreata quando o assunto é boa literatura. Como quem conta um segredo da “amiga” Lygia Fagundes Telles – guardada sob sete chaves no esquerdo lado do peito e, ao mesmo tempo, espaiada em vários cantos e contos partilhados no mundo da leitura –, o poeta nos fala de um encantamento presente no pronunciar de cada palavra. Assim, nos “empresta” Lygia: lá, cá, livre e múltipla, onírica e epifânica, assalto de emoção, na tradução de uma voz que se quer fazer ouvir, antes do baile verde.

E “ouvir” Lygia, que conta histórias como quem cria modos paralelos de expressão e gozo, significa transitar entre o concreto e o abstrato, o possível e o insondável, a sanidade e a loucura, o bem e o mal, numa dialética de diversidade fascinante, temperada pela fantasia. É Lygia quem nos diz, afinal, que “a criação

literária é um mistério”: não nos é dado aos leitores (nem mesmo aos escritores, como a contista crê...) que possamos explicar racionalmente como os seus personagens, sejam eles homens ou mulheres, meninos ou meninas, formigas ou anões, podem nos trazer percepções tão distintas e tantas fulgurações de sentidos. O texto de Lygia Fagundes Telles surge, assim, como uma mediação entre as coisas que não se dizem e a vontade de lhes dar forma “oral” – num fraseado que reclama ser dito em alto e bom som.

Assim acontece com o conto “As formigas”, leitura “de limite” que grita aos nossos ouvidos um pouco dos desencontros, dos desejos, das lembranças, da solidão cotidiana das pessoas comuns como nós, conduzindo o leitor ao território do realismo fantástico, em viagens inesquecíveis:

Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.
– É sinistro. (TELLES, 1996, p. 31)

Com genialidade e fluidez, Lygia conta a climática história de duas primas, universitárias que dividem um quarto, em uma pensão barata, anteriormente ocupado por um estudante de medicina, que ali deixara um baú com a ossada completa de um anão – fato raro, e que logo despertou a curiosidade da moça que estudava medicina.

A dona [da pensão] era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro, descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.
– É você que estuda medicina? -- perguntou soprando a fumaça na minha direção.

– Estudo direito. Medicina é ela. (...)
– Vou mostrar o quarto, fica no sótão – disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguissemos. – O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.
Minha prima voltou-se:
– Um caixote de ossos? (...)
– Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?
– Ele disse que eram de adulto. De um anão.
– De um anão? é mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. – Tão perfeito, todos os dentinhos!
– Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente extra. Telefone também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa térmica, fechem bem a garrafa recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Soltou uma baforada final: – Não deixem a porta aberta senão meu gato foge. (TELLES, 1996, pp. 31-2; grifo nosso)

O insólito acontece depois da descoberta deste baú: em todas as madrugadas, as estudantes recebem a “visita” de milhares de formigas³ que, misteriosamente, desaparecem pela manhã:

Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do

3 Formigas são elementos de recorrência na ficção de Lygia Fagundes Telles. No conto “As meninas”, por exemplo, há uma cena em que a personagem Ana Clara vai ao quarto de Lorena, que está estudando para uma prova que faria no dia seguinte. A moça arrasta-se para dentro, gritando de dor no peito e muito suja. Lorena despe-a e a coloca na banheira, e só então percebe que o corpo da amiga está cheio de nódos roxas. Ana Clara, transtornada, sofre alucinações com formigas, baratas, o amante Max e Deus. cf. TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**. 31.ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou- a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

– Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até de madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

– De onde vem esse cheiro? – perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho. – Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

– É de bolor. A casa inteira cheira assim – ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama. (TELLES, 1996, p. 33)

Aos poucos, os ossos do anão vão “se organizando”, ou seja, vão sendo montados, deixando as estudantes atônitas. Antes que o esqueleto seja totalmente reconstituído, sabe-se lá por que ou por quem, a futura médica e sua prima bacharelada em Direito fazem as malas e saem da pensão, furtivamente, em mais uma madrugada de janelas ovaladas e uivos distantes.

No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as perninhas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

– Que é que você está fazendo aí? – perguntei.

– Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

– São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida – estranhei.

– Só de ida. (...)

– Esquisito. Muito esquisito.

– O quê?

– Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

– Deus me livre, tenho nojo de osso. Ainda mais de anão. (TELLES, 1996, pp. 33-4)

A atmosfera de suspense e mistério traz ao leitor, afinal, uma possibilidade de reconstituir sons, passos, escadas, cheiros e uma infinidade de vozes, represadas no texto. Não haveria melhor “pretexto” para uma leitura dramatizada do conto de Lygia Fagundes Telles, como opção metodológica para um resgate da palavra oral e seu poder encantatório.

– Elas voltaram.

– Quem?

– As formigas. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo.

A trilha da véspera, intensa, fechada, seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.

– E os ossos?

Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

– Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei pra fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei pro chão e vi a fila dura de formiga, você lembra? não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair pra trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão... estão se organizando. (...)
– Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui. (...)
Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japona e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?
No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra. (TELLES, 1996, p. 36; p. 38)

Contar em voz alta e partilhar rumores, medos, transgressões, acontecimentos fantásticos e outras estranhezas tão próprias das questões do humano traduz-se, em Lygia, num movimento através da obra literária em aberto, como quereria Umberto Eco, ou, ainda, em emblemática forma de ficcionalizar o vivido, tornando-o “vívido” e presente para quem ouve ou lê sua fala (destaque-se, aqui, a presença de um narrador autodiegético em “As formigas”, que presentifica ainda mais a ação narrada, por ter sido protagonista dela).

A maravilhosa compleição de tipos que deflagram processos inexplicáveis e surgem imersos numa atmosfera sobrenatural faz deste conto, em especial, uma pequena grande joia de delicadeza e horror, figurativizada na presença *in absentia* do

anão⁴ – paradoxalmente, único personagem que não tem, de fato, “voz” no conto de Lygia. Entretanto, é este mesmo anão o que nos deixa aos leitores, no que restou de sua “vida”, um repto a ser explicado, quiçá, pela Teoria da Literatura.

Ora, se interpretar, como defende Eco, significa reagir ao texto do mundo ou ao mundo de um único texto, ressignificando e produzindo outros (con)textos, a narrativa lygiana rompe com os mundos possíveis e restaura a pertinência do leitor, também tornado “ouvinte” de suas tramas, instando-o à inquietante tarefa de conceber o seu mundo narrativo como um microcosmo, parcela infinitesimal apta a ser, afinal, recontada, reconstruída. Estabelecendo, com requintes narrativos, a saudável tensão entre luz/escuridão, ordem/caos, sono/vigília, realidade/sonho, vida/morte, humano/inumano, curiosidade/temor, conteúdo/continente, Lygia convoca todo um panteão de arquétipos e delega ao leitor o prazer de subverter a ordem narrante para eles imaginada, no âmbito da autoria. Porque, enfim, a função do escritor – conforme provoca Lygia Fagundes Telles – é “escrever por aqueles que muitas vezes esperam ouvir de nossa boca a palavra que gostariam de dizer”⁵.

Com simplicidade, num estilo claro, objetivo e despojado; manejando fios dramáticos tecidos de acontecimentos quase banais, de gestos familiares e cotidianos, Lygia Fagundes Telles consegue fixar com profundidade a tragédia anônima que habita no fundo dos seres humanos. (...) Seu mundo de ficção está povoado de seres aparentemente normais, comuns, mas no fundo são desajustados, frustrados ou fracassados; seu denso

4 A personagem do anão é também recorrente em outros textos de Lygia Fagundes Telles, como no conto que finaliza o livro *A noite escura e mais eu*, “Anão de jardim”. Figura caracterizadora do mito-estilo da autora (na mesma chave das soluções alegórico-narrativas dos melhores escritores de apelo real-fantástico da literatura universal, tributários da tradição greco-latina), este anão-protagonista é um anão de jardim, que estava “no fundo penumbroso de uma das salas” de um antiquário, quando foi descoberto por um professor de violoncelo. cf. TELLES, Lygia Fagundes. *A noite escura e mais eu*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

5 *Apud* NETO, Moisés. “Lygia Fagundes Telles: A Estrutura da Bolha de Sabão”. in: *Estudos Literários* (revista eletrônica). Disponível em: <<http://www.moisenesneto.com.br/estudo55.html>> (Acesso em 12 fev. 2016).

mundo de ficção desvenda a oculta angústia individual provocada pela barreira que se levanta entre o “eu” e a aventura coletiva, num mundo absurdo e caótico, sem causa nem finalidade. (...) A obra de ficção de Lygia Fagundes Telles inclui-se na linhagem das que fixam a angústia contemporânea, o desencontro dos seres.⁶

As palavras de Nelly Novaes Coelho nos transportam, ainda, para a dimensão quimérica do conto “As formigas”. Nada mais “normal” do que duas universitárias que precisam se hospedar em espeluncas para concluir os estudos, tomando café das sete às nove, da garrafa térmica da balofa de unhas aduncas e encardidas, dona da pensão. Nada mais cotidiano e regular que as noites regadas à bebida, as noites de sono perdidas na véspera das provas e arguições... Entretanto, nada mais absurdo do que um anão louro, de olhos azuis, casaco xadrez e cabelo repartido ao meio, “coisa” que não só aparece em sonhos, mas que se “monta” (ou é montado), como as peças de um xadrez semiótico, em que o que importa não é o xeque-mate narrativo – até porque ele não existirá, na produção de um anticlímax textual – mas, sim, o processo de contar.

É por isto que Lygia “conta”: fiando-se na solidariedade do leitor de ouvidos abertos, passa a ele um legado inconcluso, voz silenciada para o melhor deleite de quem quiser completá-la. Absurdamente normal, nossa cara Lygia!

2. *Laboratório de “leituração”* – partilhando uma forma de ensinar a ler, a ouvir e a criar.

Tão logo foi anunciada a candidatura de Lygia Fagundes Telles ao prêmio Nobel de Literatura de 2016, aos 92 anos, nossas aulas de Didática Especial e Prática

6 COELHO, Nelly Novaes. “O mundo de ficção de Lygia Fagundes Telles.” in: **Seleção de Lygia Fagundes Telles**. 2.^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 139

de Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas foram repovoadas pelos candentes enredos e personagens da autora, cuja opção quase heroica pelo *front* da palavra já vicejava nos primórdios de sua biografia: foi uma das primeiras mulheres a sentar-se nos bancos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Em décadas de escrita ficcional e mais de vinte obras depois, o justo reconhecimento à maior autora brasileira viva nos impôs tentar reeditá-la na seara dinâmica da sala de aula, para além de didatismos e classificações genéricas. Afinal, como irônica e deliciosamente nos advertiu a moça do baile verde, “Me leia enquanto estou quente”⁷. E nada mais abrasador do que ler Lygia para e com os jovens leitores e professores em formação.

Propusemos, então, aos licenciandos em Letras da UFRJ uma oficina de *leituração*, que contemplava a realização de um laboratório de leitura em voz alta e de criação ficcional, a partir do “mote” da partilha literária que conosco faz Lygia Fagundes Telles, a partir do conto “As formigas”. Os procedimentos e ideias descritos a seguir podem e devem ser adaptados a níveis de escolaridade, modos de aplicação e demandas pedagógicas diferenciadas.

Em linhas gerais, o que nos propomos a fazer, aqui, é redimensionar as vozes presentes no texto literário, elocuições a partir das quais se pode ressignificar os muitos sentidos lidos/ouvidos pelo leitor. Tentaremos, com o apoio do primoroso texto de Lygia Fagundes Telles, encantar pela voz, recuperando a polifonia da palavra oral, em plena era da escrita e do império da letra. Este é o escopo de nossa estratégia metodológica, pois cremos que, ainda que mudem os tempos, ou o modo de acesso

7 Em entrevista a Clarice Lispector, publicada em 1977, na Revista Manchete, Lygia responde sobre o seu fazer literário e sua parceria com o seu leitor:

“– O que mais lhe perguntam?

– Eis o que me perguntam sempre: compensa escrever? Economicamente, não. Mas compensa – e tanto – por outro lado através do meu trabalho fiz verdadeiros amigos. E o estímulo do leitor? E daí? “As glórias que vêm tarde já vêm frias”, escreveu o Dirceu de Marília. Me leia enquanto estou quente.” In: LISPECTOR, Clarice. **Clarice Lispector: Entrevistas**. (Org. Claire Williams.) Rio de Janeiro: Rocco, 2007. p. 17

das pessoas às técnicas de construção da linguagem, não muda a sua essencialidade: a “acontecência” do verbo, como era no princípio.

São várias as possibilidades de tornar um texto interessante para quem o ouve. Da forma como se lê até à escolha de um lugar propício a essa leitura, toda uma ambiência adequada e atraente deve ser constituída para este fim. Segundo CAGLIARI (2003, p. 162), “*No ato da leitura em voz alta, o leitor deve em primeiro lugar decifrar o que está escrito e depois reproduzir oralmente o que foi decifrado*”. É fundamental, portanto, que o “lente” consiga transformar o ouvinte em aprendiz de sensibilidades, dicções e novas interpretações para o texto lido/ouvido.

Bem sabemos que o ato de ler envolve a integração de fatores muito diversos, mas todos eles relacionados à experiência leitora do indivíduo, que é única (mas, não, intransferível, felizmente...). A leitura deve, então, ser praticada nas suas mais diferentes modalidades, como, por exemplo, em voz alta. A compreensão do texto lido pode, então, ser avaliada por meio da reprodução oral da história lida (reconto). Quer seja feita em silêncio, na intimidade do segredo de um livro que repousa em seu colo, quer seja feita a plena voz, pontuada da emoção transbordante e dos involuntários sestros de quem narra, a compreensão da leitura requer capacidades cognitivas, como a elaboração de inferências, e linguísticas, como o conhecimento do vocabulário, da sintaxe, entre outras (BRAIBANT, 1997).

Na tarefa da docência, é pertinente, inclusive, que, durante a leitura em voz alta dos nossos alunos, observemos a velocidade utilizada, a entonação, a pontuação, os “erros” (trocas, acréscimos, omissões), as atitudes ou atos falhos (como o de apontar, ou grifar, vocalizando ou escrevendo etc.), as movimentações da cabeça e a ocular, além da capacidade de concentração do leitor. São técnicas simples, e não meramente tecnicismos de leitura, que podem em muito contribuir para a fruição do texto literário e para que os alunos aprendam, fundamentalmente, a *gostar de ler*.

Depois deste breve preâmbulo, citemos alguns procedimentos que foram acordados pelos licenciandos, a fim de ajudar os leitores em formação (do ensino fundamental e médio) a seguirem as trilhas ficcionais de Lygia, a partir do conto “As formigas”:

1. Ouvir atentamente o texto, lido com entonação dramatizada.
2. Selecionar trechos significativos do conto e recontá-los oralmente, sem aporte à transcrição do texto.
3. Partilhar experiências e efeitos de leitura do conto com o grupo.
4. Tomar contato com o conto transcrito e fazer um estudo preliminar do vocabulário e dos aspectos estilísticos.
5. Aprofundar o estudo do texto, a partir de análises críticas que lhe confirmem novas perspectivas de leitura: a questão do feminino; pertinência da apreciação psicanalítica; marcas da oralidade no texto literário etc.
6. Recriar as situações ficcionais, modulando os discursos e alterando os focos narrativos, a fim de produzir outras versões e outros desfechos para o conto (por exemplo, a partir da ótica: do anão; da dona da pensão; do ursinho de pelúcia; da formiguinha desgarrada; do gato da dona da pensão etc.).
7. Reescrever o conto, e dramatizá-lo novamente para o grupo.

Propusemos, ainda, a construção coletiva de alguns critérios de avaliação para os procedimentos anteriormente descritos, a saber:

- a) Avaliação da leitura em voz alta:
 - audibilidade;

- articulação;
- respeito pela pontuação;
- entoação;
- ritmo.

b) Avaliação da (re)criação ficcional:

- adequação à proposta de se criar um conto original inspirado em “As formigas”, de Lygia Fagundes Telles;

- criatividade e inovação no desenvolvimento do enredo;
- qualidade literária;
- organização e coerência do texto.

Ao cabo dessa instigante “aula-planejamento”, os licenciandos trouxeram contribuições relevantes para pensarmos o ato de ler como *leituração* – interação discursiva, participação e fome de palavras... Nossas reflexões foram recobertas com a generosidade da palavra de dois escritores-amadores (no sentido quase literal, de quem escreve porque ama...) que sabiamente souberam prestar uma homenagem ao ato de contar e de ler, tornando a voz um instrumento de mediação entre sujeitos e suas subjetividades: Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre.

... meu pai nos lia *Le voyage de Monsieur Perrichon*, ou então nós líamos lado a lado, cada um para si. Eu olhava meus pais, minha irmã, e sentia um agradável calor no peito. “Nós quatro!”, dizia-me com emoção. E pensava: “Como somos felizes!” Um

ambiente agradável, descontraído, informal, que enfatize as expressões, gestos e entonação de voz, prende a atenção da criança à leitura, que, entusiasmada com o teatro, interatua intensamente com a história e a torna viva. Diante disso, por que, então, não deixar a criança fazer suas leituras, ouvir sua própria voz cantar a música das palavras? A emoção pode ser maior...⁸

Tive então ciúmes de minha mãe e resolvi tomar-lhe o papel. Apossei-me de um livro intitulado *Atribulações de um Chinês na China* e levei-o para um quarto de arrumações; aí, empoleirado numa cama de armar, fiz de conta que estava a ler: seguia com os olhos as linhas negras sem saltar uma única e contava-me uma história em voz alta, tendo o cuidado de pronunciar todas as sílabas. Surpreenderam-me – ou melhor, fiz com que me surpreendessem –, gritaram admirados e decidiram que era tempo de me ensinar o alfabeto. Fui zeloso como um catecúmeno; até cheguei a dar aulas particulares a mim próprio: subia para a minha cama de armar com o *Sem Família*, de Hector Malot, que conhecia de cor, e, em parte recitando, em parte decifrando, percorri-lhe todas as páginas, uma após outra: quando foi virada a última, eu sabia ler.⁹

Por fim, se Lygia nos “conta” e infinitamente nos “lê”, ouçamos ainda o que sua dicção é capaz de calar. E, então, veremos que isto é bom, e partilharemos todos o pão multiplicado da palavra literária – para o bem do acesso amplo e irrestrito de nossos leitores em formação à literatura oral ou escrita de todos os gêneros, de todos os tempos.

8 BEAUVOIR, Simone de: *Le deuxième sexe: Les faits et les mythes* (1976). *apud*: FRAISSE, Emmanuel. “L’anthologie littéraire, éléments de définition” in: **Les anthologie en France**. Paris: PUF, 1997. p. 20

9 SARTRE, Jean-Paul. *Situation, II. Qu’est-ce que la littérature?* Paris: Gallimard, 1964. *apud*: FRAISSE, Emmanuel. “L’anthologie littéraire, éléments de définition” in: **Les anthologie en France**. Paris: PUF, 1997. pp. 19-20

REFERÊNCIAS

- BRAIBANT, J. (1997). “A decodificação e a compreensão: Dois componentes essenciais da leitura no 2.º ano primário.” *in*: J. Grégoire & B. Piérart (Orgs.), *Avaliação dos problemas de leitura: Os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (pp. 167-187)
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. “O Mundo de Ficção de Lygia Fagundes Telles”. *in*: *Seleção de Lygia Fagundes Telles*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1971
- FRAISSE, Emmanuel. “L’anthologie littéraire, éléments de définition” *in*: *Les anthologies en France*. Paris: PUF, 1997.
- LISPECTOR, Clarice. *Clarice Lispector: Entrevistas*. (Org. Claire Williams.) Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- LUCAS, Fábio. “Mistério e magia.” (Introdução.) *Antes do baile verde, de Lygia Fagundes Telles*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann. *A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles*. Rio de Janeiro: Presença, 1985.
- TELLES, Lygia Fagundes. *A noite escura e mais eu*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.
- _____. *As meninas*. 31.ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.
- _____. *Cadernos de Literatura Brasileira* (Instituto Moreira Salles; n.º 5). Rio de Janeiro, 1998.
- _____. *Mistérios: ficções*. 7.ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

SITES DA WWW

- GUEDES, Verônica. “As formigas” (curta-metragem). Brasil, 2004, ficção, 8min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=kMcWFLpAZxw> > (Acesso em 04 mar. 2016).
- NETO, Moisés. “Lygia Fagundes Telles: A Estrutura da Bolha de Sabão”. *in*: *Estudos Literários* (revista eletrônica). Disponível em: <<http://www.moisenesneto.com.br/estudo55.html>> (Acesso em 12 fev. 2016).
- TELLES, Lygia Fagundes. “As formigas”. *in*: *Scream & Yell – Lygia Fagundes Telles por Marcelo Silva Costa*. Disponível em: <http://www.screamyell.com.br/pms_cnts/lygia_fagundes_telles.html> (Acesso em 12 fev. 2016).

Recebido: 20.02.2015 – **Aprovado:** 10.03.2015